



## **CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016*  
*ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL*

Maianna Deyse Sobrinho Macedo

IMPACTO DA RELIGIOSIDADE CRISTÃ NA SEXUALIDADE DA MULHER CIS

Palmas - TO

2021

Maianna Deyse Sobrinho Macedo

## IMPACTO DA RELIGIOSIDADE CRISTÃ NA SEXUALIDADE DA MULHER CIS

Trabalho de conclusão de curso (TCC) II elaborado e como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ruth do Prado Cabral

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Ruth do Prado Cabral

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Lauriane dos Santos Moreira

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof.<sup>o</sup> Me. Sonielson Luciano de Sousa

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2021

*Não se pode escrever com indiferença (SIMONE DE  
BEAUVOIR).*

## **AGRADECIMENTOS**

No decorrer da graduação enfrentei muitas lutas e dificuldades, eu imaginava que seria difícil concluir um curso superior, mas não tinha noção de quanto. E assim, ao longo dos 5 anos de curso enfrentei barreiras e desafios que jamais tinha enfrentado antes, quer sejam de origem econômica, emocional ou social. Mas eu não desisti, até porque, eu vi na Psicologia não somente uma oportunidade de me tornar uma profissional, mas a possibilidade de realizar um sonho alinhado com minhas convicções e sentido de vida.

Portanto, quero agradecer em primeiro lugar à minha mãe Neri Sobrinho Macedo por me entender e me apoiar ao longo da jornada, e por nunca deixar que faltasse o básico pra mim. Eu te amo!

Agradeço ao meu pai Raimundo Cardoso, minha irmã Ana Cleide Sobrinho, meu irmão Ronald Wesley Sobrinho, e a toda minha família pelo incentivo.

Agradeço a todas as pessoas que me encontraram ao longo desse caminho difícil e, de forma direta ou indireta, contribuíram para que eu chegasse até aqui, posso dizer que foram anjos enviados em momentos específicos para renovar minha esperança quando eu a havia perdido.

À minha orientadora Ruth do Prado Cabral, pela disposição, generosidade, pela compreensão e incentivo. Você foi uma das minhas inspirações ao longo do curso e no final tive a honra de ser orientada por você, minha eterna gratidão!

Agradeço aos professores que me inspiraram na pessoa do Sonielson Luciano de Sousa, Cristina D'Ornellas Filipakis, Lauriane Moreira e Irenides Teixeira, acredito no poder das boas referências ao longo da vida profissional e pessoal, e vocês são referências de peso, de humanidade, de ética, como profissionais e como pessoas. Buscar um exemplo do qual admiramos é importante para a nossa trajetória de vida.

Agradeço o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva pois como resultado da criação e promoção de suas políticas públicas como o Prouni, pude ingressar no ensino superior em uma faculdade com o curso de Psicologia que está entre os melhores da região norte do Brasil.

Obrigada Deus! Feliz demais por essa conquista!!!

## RESUMO

MACEDO, Maianna Deyse Sobrinho. **Impacto da religiosidade cristã na sexualidade da mulher cis**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2021.

Este trabalho objetiva analisar os impactos da religiosidade cristã na sexualidade da mulher cis, buscando averiguar os efeitos da crença religiosa na repressão sexual da mulher. Na atualidade, apesar dos discursos sobre sexo e sexualidade serem tratados de forma mais aberta do que no passado, seja no ambiente escolar, familiar, na mídia ou demais contextos sociais, continua sendo um tema cercado de repressão, discriminação, tabu, preconceito e dúvidas. A sexualidade feminina ainda é objeto de subordinação, visto que o processo de construção da sociedade brasileira foi marcado por influências europeias pautadas na ética e moral do Cristianismo, em que o corpo passa a ser visto como algo impuro e pecaminoso. Para realização da pesquisa foi utilizado um procedimento metodológico de revisão narrativa e a pesquisa bibliográfica foi realizada por meios de livros, dissertações, teses e artigos, que possibilitaram proceder uma revisão de literatura abarcando a temática em um aspecto mais amplo. Os resultados obtidos com esse levantamento acerca do tema permitiram constatar que as influências da religiosidade cristã na impactação negativa sobre a sexualidade da mulher são marcantes, uma vez que os costumes e imposições, sobretudo do patriarcado, desempenharam vasta influência na forma como as pessoas se relacionam, na conceituação de gênero e suas relações, determinando estereótipos sobre os padrões do corpo e marcando a dominação sobre o feminino.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Sexo; Cristianismo; Patriarcado; Religiosidade; Psicologia.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the impacts of Christian religiosity on the sexuality of cisgender women, seeking to investigate the effects of religious belief on women's sexual repression. Nowadays, although discourses about sex and sexuality are treated more openly than in the past, whether in the school, family, media or other social contexts, it continues to be a theme surrounded by repression, discrimination, taboo, prejudice and doubts. Female sexuality is still subject to subordination, as the process of construction of Brazilian society was marked by European influences based on the ethics and morals of Christianity, in which the body is seen as something impure and sinful. To carry out the research, a methodological procedure of narrative review was used and the bibliographical research was carried out through books, dissertations, theses and articles, which allowed for a literature review covering the theme in a broader sense. The results obtained with this survey on the subject allowed us to verify that the influences of Christian religiosity in the negative impact on women's sexuality is remarkable, since customs and impositions, especially of patriarchy, played a vast influence on the way people interact. relate, in the conceptualization of gender and its relations, determining stereotypes about body patterns and marking the domination over the feminine.

**Keywords:** Sexuality; Sex; Christianity; Patriarchy; Religiousness; Psychology.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 O QUE É SEXUALIDADE?.....</b>	<b>14</b>
2.1 Aspectos Sócio-Históricos da Sexualidade.....	15
<b>3 RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E GÊNERO.....</b>	<b>17</b>
<b>4 A MULHER E O PAPEL DE GÊNERO.....</b>	<b>20</b>
4.1 Efeitos da Religiosidade na Repressão Sexual da Mulher Cis.....	22
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A repressão durante o processo de formação da sexualidade leva as pessoas a introjetarem formas de pensar e agir negativas sobre a sua sexualidade e as dos demais. Isso gera, por vezes, comportamentos sexuais que podem ser considerados inadequados ou prejudiciais para si e até a outros. Ao introjetarem padrões de sexualidade preestabelecidos os indivíduos passam a ter um âmbito da sua existência dominados por um ideal de comportamento (BOCCARA DE PAULA, 2008).

Por esse motivo, a Psicologia deve buscar compreender esses fenômenos que refletem a subjetividade humana em seus aspectos individuais e sociais, assim sendo:

A importância deste direcionamento para as pesquisas em psicologia está em interrogar o cerne da questão a respeito dos moldes de sociedade que vivenciamos, entendendo-a como uma sociedade na qual o controle sobre o corpo e a sexualidade se traduzem na produção de identidades estanques que engessam as possibilidades de singularidades outras, dentro de um padrão de conduta pré-fixado. Simultaneamente, esses padrões relegam as resistências a esse padrão heteronormativo para uma localização marginal e tida como abjeta na sociedade, ocasionando preconceito, discriminação e decorrente sofrimento psíquico (ANJOS; LIMA, 2016, p. 54).

Desse modo, a cultura e a sociedade exercem um papel profundamente modelador da atividade sexual. Elas podem interferir negativa ou positivamente no desempenho erótico das pessoas, principalmente na mulher, através da repressão disseminada durante séculos e as informações dúbias que vigoram na sociedade (ESTEVAM e LIMA, 2018).

Segundo Engels (1982), na antiguidade as relações sexuais entre as pessoas eram sem entraves, sem as proibições e normas existentes na atualidade, sem uma noção de promiscuidade. Os filhos descendiam da linhagem feminina, materna, estando em vigor o direito materno e uma sociedade matriarcal. Com o passar dos anos, com a instalação da estrutura familiar clássica e na medida em que o homem se tornou o responsável por trabalhar e construir a riqueza familiar, ao aumentar a sua riqueza material e poder, o homem assumiu uma posição mais importante que a da mulher na estrutura familiar, ficando a mulher responsável pelos trabalhos



domésticos. A passagem da filiação materna e direito materno para a filiação paterna e direito paterno é uma das mais profundas transformações ocorridas na sociedade.

Assim, para Engels (1982), a apoderação da direção da casa pelo homem marca o desmoronamento do direito materno e a servidão da mulher em todo o mundo, uma vez que a mesma foi subjugada aos desejos masculinos e convertida em servidora. Dessa forma observa-se uma transição para a família patriarcal ocasionada por esse preexistente poder exclusivo do homem.

Após ser instaurada a família monogâmica, a reprodução se tornou a principal função dos relacionamentos sexuais. A mulher devendo guardar uma fidelidade rigorosa ao marido, enquanto este, não precisaria seguir a mesma regra, podendo manter relações fora do casamento. Desde que não levasse para sua moradia outras mulheres, essas estruturas de relacionamento “[...] foram reforçadas principalmente pela igreja católica, e se refletem no comportamento do povo ocidental até a modernidade”. (BOCCARA DE PAULA, 2008, p. 43)

Ao longo do desenvolvimento da sociedade, os mitos, tabus, hábitos e costumes ligados à sexualidade humana foram sendo incorporados no ambiente social, político e econômico. No Ocidente, as práticas sexuais, subordinadas ao sistema patriarcal e utilizadas apenas como meio para reprodução, limitaram o pleno desenvolvimento da sexualidade dos indivíduos e principalmente das mulheres.

As regras sociais sobre as condutas vinculadas à prática da sexualidade sofreram determinações importantes das doutrinas religiosas. Com o advento do cristianismo, que se tornou religião oficial do Império Romano, entrou em vigor outro tipo de moral, também de cunho marcadamente patriarcal. O Antigo Testamento proibia expressamente qualquer tipo de relacionamento homossexual. O judaísmo e o cristianismo valorizavam as uniões férteis, o que não ocorre com as homossexuais e com aquelas em que um dos parceiros (sempre se considerava que era a mulher) era infértil, uma vez que eram necessários muitos braços para a economia pastoril e agrícola e, principalmente, para a guerra. A infertilidade era considerada um castigo dos céus e o nascimento milagroso pretendia mais enfatizar a importância do profeta do que valorizar a mulher (BOCCARA DE PAULA, 2008, p.45).

A mulher passou a ter uma posição social subalterna a partir da incorporação das doutrinas religiosas nas normas sociais. O sexo feminino passou a ser visto como frágil e dependente do masculino.

Os ensinamentos do cristianismo pregam a moderação, abstinência, a continência e a negação das relações sexuais, defendendo que os prazeres do corpo são supérfluos, pecaminosos e passageiros.

[...] na sociedade ocidental, a questão da sexualidade sofreu influências muito fortes e determinantes do patriarcalismo, do conservadorismo, do cristianismo, da evolução do saber médico e da medicalização da sociedade, que exerceram importante papel para a normalização do sexo e controle do corpo influenciando a forma como as pessoas a vivenciam em todas as fases da trajetória humana, inclusive durante os processos de envelhecimento e adoecimento, condições sempre presentes na história da humanidade. (BOCCARA DE PAULA, 2008, p.49)

Essas doutrinas e concepções influenciaram como as pessoas atualmente entendem a sexualidade, uma vez que é um tema cultural simbólico e socialmente determinado. Diante do exposto, a presente pesquisa pretende investigar quais os impactos que a religiosidade cristã causou e causa no desenvolvimento da sexualidade feminina? Dessa forma, buscará averiguar os efeitos da crença religiosa na repressão sexual da mulher e a desigualdade de gênero.

Portanto, partindo desse ponto, esta pesquisa tem como objetivo principal compreender os impactos da religiosidade cristã na sexualidade da mulher cis, visto que se trata de um tema atual que precisa ser melhor analisado, buscando saber quais os efeitos das concepções do cristianismo no processo de formação da sexualidade das mulheres cis, uma vez que, historicamente, a religião cristã foi definida como uma organização social que contribuiu com formas de subordinação da mulher e controle dos seus corpos e opressão da sua sexualidade (BOCCARA DE PAULA, 2008).

Mesmo com os avanços ocorridos ao longo dos anos ainda é perceptível a influência da religião sobre o comportamento feminino, desta forma, o interesse pelo tema surgiu como a possibilidade de construir e levar a sociedade acadêmica a conhecer um pouco mais sobre a sexualidade feminina e o seu processo de formação, buscando averiguar a interferência religiosa no âmbito da sexualidade.

Assim, esta pesquisa justifica-se na necessidade de abordar essa problemática, uma vez que esses debates proporcionam um grande impacto na reflexão sobre os papéis sociais de gêneros, as relações de poder, como também

carregam uma crítica explícita aos modelos sociais que ainda perduram, mesmo com as conquistas e lutas das mulheres.

Visto que as questões sobre sexualidade são temas abordados por diferentes áreas, tais quais: Psicologia, Antropologia e Biologia, pois afetam as pessoas e estão interligados com os aspectos biopsicossociais e o desenvolvimento humano.

A relação entre gênero, religião, sexualidade e saúde mental representa um desafio social ao longo do tempo, uma vez que a desigualdade de gênero está presente em praticamente todos os cenários sociais.

Portanto, a pesquisa visa contribuir com os estudos sobre o tema, examinando os efeitos da religiosidade na repressão sexual da mulher cis, estabelecendo uma contextualização histórica acerca da sexualidade da mulher; problematizando a influência do cristianismo na repressão sexual da mulher cis; e também identificando como a religião cristã contribuiu para a desigualdade de gênero.

A pesquisa científica se constitui como um dos pilares da ciência. Bastos e Keller (1995, p. 53) afirmam que “a pesquisa científica é uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo”.

A natureza da pesquisa realizada é básica, qualitativa, exploratória e procedimento metodológico de revisão narrativa. Os artigos de revisão, assim como outras categorias de artigos científicos, são uma forma de pesquisa que utilizam de fontes de informações bibliográficas ou eletrônicas para obtenção de resultados de pesquisas de outros autores, com o objetivo de fundamentar teoricamente um determinado objetivo (ROTHER, 2007).

Pesquisar sobre a sexualidade humana é uma atividade complexa, pois ela é determinada por diversos fatores, como biológicos, sociais, fisiológicos, emocionais, culturais e religiosos. E ainda é cerceada por relações de poder, significados, hierarquia, classes e trajetórias sociais (BOCCARA DE PAULA, 2008).

Sendo assim, esta pesquisa se utiliza de um procedimento metodológico de revisão narrativa para analisar os impactos da religiosidade cristã na sexualidade da mulher cis. Apesar de sua força de evidência científica ser considerada baixa devido à impossibilidade de reprodução de sua metodologia, as revisões narrativas

podem contribuir no debate de determinadas temáticas, levantando questões e colaborando na aquisição e atualização do conhecimento em curto espaço de tempo (ROTHER, 2007).

Por conseguinte, a pesquisa foi pautada em livros, dissertações, teses e artigos, que possibilitaram proceder uma revisão narrativa de literatura abarcando a temática em um aspecto mais amplo, uma vez que esse estilo de pesquisa não usa critérios diretos e ordenados para revisão e análise da literatura.

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Godoy (1995, p.21) mostra que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques”. Desta forma, em relação a abordagem de pesquisa ele se constituirá de uma pesquisa qualitativa, com tratamento interpretativo das teorias abordadas.

O processo de coleta do material foi executado de maneira não sistemática no período de março de 2021 a novembro de 2021. Foram pesquisadas bases de dados científicas, tais como: base de dados do Google Acadêmico, Scielo e Lilacs, posteriormente esse banco de dados foi sendo complementado com materiais indicados pela orientadora e banca. Em suma, estes materiais foram estudados em sua totalidade, categorizados e analisados de forma crítica.

Este trabalho beneficiará a comunidade acadêmica, pois foi preparado sob uma série de estudos voltados para a discussão de sexualidade, gênero, feminismo e religião, podendo assim servir como aparato científico para estimular melhorias no que tange a uma melhor compreensão sobre esses temas, já que os mesmos ainda são cercados por diversos tabus e crenças negativas, principalmente em relação à

expressividade e liberdade da sexualidade feminina.

Na concepção de Heilborn (2006) um enfoque sociológico acerca da sexualidade é bastante necessário, por indicar que os processos que os inconscientes de essência social molda a subjetividade do sujeito, de maneira que o intrapsíquico não se origina exclusivamente em uma psicologia individual, mas em normas coletivas que estão completamente internalizadas. A Psicologia também não poderia estar indiferente a esse contexto, desse modo, Anjos e Lima (2016) ressaltam que, nesse aspecto se torna inevitável a responsabilidade de indagar sua atuação nesse processo.

## **2 O QUE É SEXUALIDADE?**

Embora a sociedade tenha passado por inúmeras mudanças ao longo do tempo, a sexualidade ainda continua acompanhada de diversos tabus e estereótipos. Para Laplanche (1995, p. 619), a sexualidade não é apenas o ato sexual, mas engloba todo um processo que se inicia na infância, proporcionando “[...] um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual”.

A sexualidade é mais do que os processos físicos do ato sexual, pois ela se desenvolve durante todo o processo de formação do indivíduo, desde a infância até a fase adulta. Nesse sentido, Vieira et al. (2016) afirmam que ela pode ser compreendida como um elemento que dá sentido e significado à existência humana, representando uma função vital do indivíduo, da qual fazem parte múltiplos fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais, transmitidos de geração em geração.

Portanto, a sexualidade é uma dimensão inerente a cada pessoa, presente em todos os aspectos da vida, inclusive na velhice e influência, individualmente, o modo de cada um se manifestar, comunicar, sentir e expressar (QUEIROZ et al., 2015).

Segundo Costa (2008), a sexualidade humana é uma das mais complexas da natureza, se manifestando no mínimo de 11 maneiras, sendo elas: mulheres heterossexuais; mulheres lésbicas; mulheres bissexuais; mulheres travestis; homens heterossexuais; homens bissexuais; homens homossexuais; homens travestis; transexuais femininos; transexuais masculinos; intersexo.

Sendo assim, por se tratar de um termo muito abrangente, e que não se atrela a uma definição única, é importante levar em consideração alguns aspectos sócio-históricos da mesma.

## 2.1 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA SEXUALIDADE

É perceptível a importância de abordar a temática da sexualidade na sociedade contemporânea como elemento relevante para a saúde e bem-estar humano, ainda que, para Bonfim (2011), a visão reprodutiva, social e historicamente construída nega a sexualidade como prazer.

Nas teorias de Engels (1982), as relações sexuais, entre homens e mulheres, eram livres, porém isso não era visto como algo promíscuo, mas com o passar do tempo essa liberdade adquiriu um outro formato dentro dos grupos sociais existentes, conhecidos como clãs. Então surgiu uma nova forma de organização familiar, caracterizada pela monogamia, na qual os relacionamentos deixaram de ser livres e as relações sexuais passaram a ser vistas apenas como meio de reprodução e procriação, tendo, pois, se originado a família patriarcal, a qual era chefiada pelo pai.

Nesse modelo, as mulheres eram educadas desde cedo para o casamento e para assumirem as funções domésticas, inclusive se casavam muito cedo. Já após a menarca, deveriam ser submissas e fiéis aos maridos, uma vez que os mesmos ainda podiam exercer prática sexual fora do casamento.

Diehl e Vieira (2017), no livro “Sexualidade: do prazer ao sofrer”, explicam que a civilização ocidental também tem suas origens na sociedade hebraica, que posteriormente deu origem aos judeus, e da mesma foram herdados dogmas legais, morais e religiosos. O povo hebreu vivia numa sociedade patriarcal, em que a mulher ocupava lugar secundário, submissa ao homem e com único dever de cuidar da família, ser fiel e se preocupar com a contracepção, no caso da necessidade de controle do tamanho da família. Os judeus também condenavam a masturbação, divinizavam o esperma como semente da vida, tinham uma certa repugnância sobre a menstruação e puniam severamente o adultério feminino.

As autoras também contextualizam sobre a civilização grega, na qual o papel do homem e da mulher eram bastante delimitados, a reprodução também era vista como uma das funções do casamento, o homem livre era o cidadão por direito; dominava as mulheres, as crianças e os escravos.

As meninas eram preparadas para se casarem após a primeira menstruação

e geralmente com homens mais velhos, assim eram ensinadas a exercerem as tarefas domésticas. Já os meninos, não eram estimulados a se casarem antes dos 21 anos de idade, as masturbações eram condenadas, mas a homossexualidade ou “pederastia” era uma prática incentivada, pois acreditavam que assim os jovens podiam ter mestres para sua evolução moral e intelectual até o término dos estudos (DIEHL; VIEIRA, 2017).

Posteriormente na Roma antiga, os romanos também absorveram boa parte dessa cultura, mas mantinham diferenças a respeito da sexualidade, pois tinha traços de crueldade, como por exemplo, faziam espetáculos onde forçavam os casais a fazer sexo em frente à plateia do Coliseu. Apesar do casamento também possuir uma característica de propriedade privada, o divórcio era possível. A mulher também era submissa ao homem e era responsável pelas tarefas domésticas, mas participava mais das decisões da família e tinha papel ativo nos negócios (DIEHL; VIEIRA, 2017).

Havia homossexualidade, mas na cultura romana ela estava relacionada à uma lógica de poder do másculo, pois os homens podiam manter relações sexuais com a esposa, com uma amante e até mesmo com um escravo, desde que não fosse penetrado por ele. Existiam os bacanais, que na verdade, eram festas religiosas em celebração ao deus Baco, o deus do vinho, da ebriedade, dos excessos (especialmente sexuais) e da natureza. As festas não eram uma imoralidade, mas um ato de comunhão com a divindade (DIEHL; VIEIRA, 2017).

Com a queda do império romano, no início da idade média, a sociedade da época se caracterizou por princípios do poder masculino, subordinação da mulher ao homem, a superioridade das classes mais ricas, e valorização elevada à Igreja:

O ponto preponderante da vida medieval baseia-se no fato de que todos os pensamentos vigentes traduziam-se na questão religiosa. A Igreja Cristã Primitiva exercia um grande poder sobre a sociedade, e a moral era enaltecida, respaldada por ameaças com o fogo do inferno. A moralidade cristã baseava-se em partes do Antigo Testamento e em todo o Novo Testamento, além das reflexões de pensadores cristãos (DIEHL; VIEIRA, 2017, p. 26).

Mais tarde, no século XVI, surgem a modernização da sociedade e a ascensão da burguesia, aliadas às influências da Igreja e dos moralistas no controle da vida social. A sexualidade foi fortemente influenciada pelas ideias cristãs,



culturais e econômicas. A mulher só poderia perder a virgindade depois do casamento e as relações sexuais eram para procriação. Na Europa, somente a partir do século XVIII o sexo uniu-se ao amor e começou a fazer parte do casamento, dada a possibilidade do parceiro (GIDDENS, 2003).

Cano et al. (2000) objetificam que o surgimento do amor romântico, juntamente com outras mudanças sociais, passou a afetar a visão sobre o casamento que até então era vigente, e despertou o querer compartilhar, a intimidade do casal e ajudou a separar o relacionamento dos outros aspectos da organização familiar. O sexo se uniu, portanto, ao amor e começou a fazer parte do casamento, dada a possibilidade de escolha do parceiro.

### **3 RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E GÊNERO**

A igreja, assim como outras instituições sociais como a escola e a família afetam o processo de constituição da identidade de gênero, pois é consoante essas relações sociais que o indivíduo se reconhece, por isso, o estudo da sexualidade humana, as observações e as contribuições científicas quase sempre entram em conflito com as autoridades e as tradições religiosas (FARRIS, 2007).

A palavra Religião significa religar, passa-se a ideia de que os atos errôneos do Homem o separam de Deus e esta conexão só é possível por meio do exercício da Religião e com ela o exercício de um conjunto de normas, crenças, dogmas e rituais regulares que devem ser obedecidos e reverenciados em nome de Deus (CARVALHO et al., 2020).

É importante ressaltar a sutil diferença entre religião e religiosidade. Para Silva e Siqueira (2009), a religiosidade é compreendida na dimensão pessoal, pois é expressão ou prática do crente que pode estar relacionada com uma instituição religiosa. Esta possibilita ao sujeito experiências místicas, mágicas e esotéricas. Em outras palavras, religião é um sistema, uma construção de princípios, teorias, algo político e mais abrangente. Já a religiosidade é a ação do sujeito com essas crenças e a prática delas, que influencia seu modo de agir com tudo e todos ao seu redor.

Farris (2007) aponta que no amplo contexto da religião, a vasta maioria de discussões a respeito da sexualidade focaliza as questões de quais atos e

orientações são aceitáveis moralmente dentro de tradições religiosas específicas.

Gebara (1987, p.154) defende que:

A sociedade patriarcal, cujas raízes dificilmente conseguiremos detectar, produziu sua antropologia, seu modelo de homem e mulher e a partir dele, de certa forma, organizou a sociedade. Vivemos ainda nesse modelo de características hierárquicas, idealistas e excludentes. Não que ele se defina a partir dessas características, mas são elas que aparecem à primeira vista quando tentamos compreender o homem e a mulher produzidos por nossa atual cultura. O modelo antropológico patriarcal se desdobrou na história do ocidente em muitas formas e foi o responsável pela produção de uma série de comportamentos ideológicos que justificaram múltiplas explorações desde o colonialismo, o racismo e a dominação na relação homem e mulher.

Dessa maneira, Lemos (2013) afirma que a religião, especificamente a tradição judaico-cristã, tal como edificada no Ocidente, se apresenta como um elemento estruturante do patriarcado, tanto pela sua maneira patriarcal de organização formal quanto pela longa construção teológica sobre os lugares do masculino e do feminino nas relações sociais e religiosas.

Porém, nos últimos tempos, as pesquisas de gênero têm colaborado consideravelmente na inclusão de novas perspectivas da realidade em todas as esferas do conhecimento, inclusive a esfera religiosa, que também tem sido influenciada, vêm gerando importantes reflexões devido à integração dos estudos de gênero nas pesquisas sobre religião (FERREIRA, 2009).

É o exemplo da Teologia Feminista, que passou a ser estabelecida no Brasil a partir de 1985, consistindo-se de uma construção teológica que se aplica unicamente na contextura entre religião e alguns pressupostos feministas, referenciada a uma movimentação de mulheres organizadas dentro da Igreja Católica, conforme pontua Rohden (2011), p. 55-56:

A reflexão de um grupo de mulheres dentro da Igreja, que não pretende o rompimento, mas a transformação dentro de sua própria tradição, um grupo que se assume enquanto sujeito político a partir da identidade feminina constitui uma novidade no contexto da Igreja. O que quase sempre caracterizou a relação entre feminismo e religião foi o afastamento. Na história do feminismo norte-americano, visto sempre como paradigmático, o que se nota é o rompimento com a "religião patriarcal", identificada como o principal suporte ideológico da dominação masculina. No Brasil, muitos são os depoimentos de "feministas históricas" que relatam como inconcebível na década de 1970 a convivência entre feminismo e religião. Contudo, é também no período de surgimento e auge do movimento feminista que nasce uma série de movimentos populares que seriam mais tarde responsáveis por uma forma de articulação entre pertencimento religioso e a consciência de uma identidade feminina.

Com tudo isso, o conceito de “gênero”, nos últimos anos, a partir da literatura feminista, passou a ser empregado enfatizando a noção cultural, situado na esfera social, se distinguindo da definição gramatical da palavra, que designa indivíduos de sexos distintos, como homem e mulher, ligado ao plano biológico (ARAÚJO, 2005).

Louro (2008) afirma que gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado.

A categoria gênero foi desenvolvida pelas estudiosas do feminismo contemporâneo sob a perspectiva de compreender e responder, de acordo com parâmetros científicos, a situação de desigualdade entre os sexos e como esta situação opera na realidade e interfere no conjunto das relações sociais (SILVA, 2009, p.35)

De acordo com Araújo (2005), as características femininas não podem e não devem ser analisadas levando em consideração apenas a definição gramatical do conceito de gênero, mas também a partir do plano social, cultural, classe, educacional e individual. Desta forma, o desenvolvimento feminino deve ser pesquisado mediante o conceito moderno de gênero, levando em consideração todos os fatores presentes nesse processo de formação do indivíduo. Ao falar sobre diversidade de gênero, na presente discussão, entende-se para além do binarismo proposto (homem e mulher, masculinidade e feminilidade), vinculada, via de regra, ao sexo.

No que se refere as mulheres cis, objeto da presente pesquisa, compreende-se que, conforme Kaas (2012), o alinhamento cis envolve um sentimento interno de congruência entre seu corpo (morfologia) e seu gênero, dentro de uma lógica na qual o conjunto de performances é percebido como coerente. Em suma, trata-se da resignação do sexo que a pessoa recebeu ao nascer, se foi designada ‘homem’ ou ‘mulher’, e se identifica como tal, se sente bem com isso, é percebida e tratada socialmente (medicamente, juridicamente, politicamente) como tal.

Existem pessoas que se identificam com outros gêneros, inclusive, existem várias identidades de gênero. Mas por enquanto, esta pesquisa delimita-se ao masculino e feminino, para uma melhor compreensão do problema de pesquisa e da

proposta do trabalho.

#### **4 A MULHER E O PAPEL DE GÊNERO**

Como foi dito, o sexo por muito tempo foi considerado apenas como meio para reprodução humana, forma de pensar que reprimiu a construção da sexualidade masculina e feminina. Apesar de parecer uma concepção arcaica, ainda é propagada por distintas religiões cristãs, principalmente pela Igreja Católica. No Brasil, as principais religiões são a católica e a evangélica, podendo ser considerado, portanto, um país predominantemente cristão.

Em relação a tradições cristãs, há a separação entre espiritualidade e sexualidade, ao valorizar a expressão sexual exclusivamente dentro do casamento heterossexual; ao negar o desejo sexual como uma experiência positiva; ao desvalorizar as práticas sexuais de pessoas não casadas; e, em algumas tradições, a visão pecaminosa da sexualidade de mulheres (FARRIS, 2007).

As mulheres no Brasil, muitas vezes, são educadas mediante certas concepções em que pregam a servilidade ao homem, criada para casar, ter filhos e manter trabalhos domésticos cansativos. Na fase da infância, devem manter bons modos, quando adolescentes são ensinadas a tratar a sexualidade como algo errado e pecaminoso, forma de pensar que perdura até a fase adulta (DIAMANTINO et al 1993).

Porém ao longo dos anos, esse estereótipo passou por diversas modificações, e a mulher conquistou seu espaço. Canabarro e Salvagni (2015) afirmam que, mesmo com essa crescente participação das mulheres no mercado de trabalho e a constante luta pela conquista de seus direitos, quebrando paradigmas, buscando reconhecimento e igualdade, estudando mais, desenvolvendo habilidades e atitudes, estando mais atentas ao ambiente dos negócios, exigindo respeito quanto ao seu reconhecimento como cidadã, tais esforços ainda não são suficientes para combater a desigualdade de gênero nas relações de trabalho.

Segundo Silva e Gitahy (2006), a divisão sexual do trabalho é a separação das atividades de produção de bens e serviços de acordo com o sexo das pessoas que as realizam, e essa masculinização e a feminização de tarefas são construídas e associadas às representações sociais do masculino e do feminino.

Dessa forma, segundo as autoras, se tornou emergente a discussão do conceito de gênero, uma vez que o mesmo permite perceber que os papéis masculinos e femininos são construções sociais nas quais relações de poder e hierarquia estão presentes. Sendo assim, a divisão sexual do trabalho deixa de ser vista como um processo natural, mas como uma expressão da assimetria das relações entre homens e mulheres.

Os conceitos de feminino e masculino foram historicamente construídos com definições daquilo que é aceitável ou não para cada gênero, delimitando os padrões de comportamento para homens e mulheres. Desta forma, o significado de masculino ou feminino ocorre mediante o contexto social e cultural de cada sociedade (ARAÚJO, 2005).

Discutir a desigualdade de gênero é tratar sobre relações de poder, uma vez que, segundo Araújo (2016) agregado à essas relações estão diversos fatores condicionantes, dicotomias existentes advindas das percepções naturalizadas de lugares dados ao homem e à mulher na sociedade.

A sexualidade feminina, apesar de estarmos na segunda década do século XXI, e a conquista de direitos por parte das mulheres, ainda é objeto de subordinação, visto que o processo de construção da sociedade brasileira foi marcado por influências europeias pautadas na ética e moral do Cristianismo, na qual o corpo passa a ser visto como algo impuro e pecaminoso (FONSECA, 2011).

Mediante a instauração da sociedade de cunho patriarcal, as mulheres passaram a viver em desigualdade em relação aos homens, primeiro recebendo ordens da figura paterna e posteriormente subordinadas aos maridos, tendo sua sexualidade limitada pelas normas do Cristianismo (SILVA, 2009).

Ser esposa e mãe ainda é considerado por muitos, o 'destino natural' da mulher. Em distintas sociedades, o comportamento sexual aceitável para as mulheres é bem diferente do previsto para os homens. Os mecanismos de controle da sexualidade colocam as mulheres em situação de vulnerabilidade nas relações afetivo-sexuais, sujeitas à violência, constrangimento e negação de sua autonomia para decidir sobre sua vida sexual e reprodutiva (SILVA, 2009, p. 33).

Esses mecanismos de controle da sexualidade feminina foram utilizados ao longo da história da humanidade. Tanto o Cristianismo quanto o Estado são

instâncias que normatizaram o comportamento das mulheres, prescrevendo aquilo considerado aceitável ou não. A família também é “[...] uma das primeiras instituições sociais a legitimar os mecanismos de controle da sexualidade quando tratam meninos e meninas de forma diferenciada desde o primeiro ano de vida da criança.” (SILVA, 2009, p. 33).

É no seio da família que são introduzidas as primeiras regras relacionadas ao comportamento considerado bom ou ruim, sendo tratados de formas distintas a educação dos filhos e das filhas.

Ao observar o comportamento dos adultos em relação aos bebês, quando este é um bebê masculino, praticamente, é reforçada a valorização de seu ‘pênis’. Se for um bebê feminino, o tratamento é bem diferente: existe uma preocupação excessiva em não deixar ver a sua genitália, como se ‘ela’ ou ‘aquilo’ fosse uma coisa ‘feia’ ou até mesmo ‘suja’. Dificilmente vemos uma menina sem a calcinha, porque é considerado feio, enquanto o menino pode ficar despido e se acha ‘engraçadinho’. Essas são atitudes tipicamente preconceituosas. No decorrer da história criaram-se representações sociais para dizer o que pode e o que não pode; o que é ‘próprio’ para as meninas e para os meninos, dentre outras normas que são usadas para ajustar indivíduos à sociedade, através do vestuário, das ações, atitudes, comportamentos (SILVA, 2009, p. 34).

A partir destas distinções entre as formas de agir femininas e masculinas, surgiu o “sexismo”, ou preconceito de sexo, delimitando diferenças de gênero e as características que homens e mulheres devem ter, sendo o primeiro forte, determinado e racional, e a mulher passiva e sensível (SILVA, 2009).

Entende-se, então, a partir dessas informações, como ocorreram as construções históricas dos papéis de gênero adotados pela sociedade, e como foram naturalizados ao longo do tempo, influenciando até hoje a maneira como as pessoas se comportam, bem como suas crenças sociais e pessoais.

#### 4.1 EFEITOS DA RELIGIOSIDADE NA REPRESSÃO SEXUAL DA MULHER CIS

A Igreja e o Estado atrelados à moral cristã, são as instituições sociais que mais contribuem com meios para reprimir a sexualidade humana, principalmente a feminina. O cristianismo, desde o seu surgimento, promoveu a sexualidade como algo pecaminoso, sujo e anormal (SILVA, 2009).

Silva (2011, p. 20), analisando os dois primeiros capítulos do livro de Gênesis, mostra que:

Esses dois capítulos do Gênesis reforçaram e, ainda atualmente reforçam a cultura machista e patriarcal, por se tratar da história da criação da humanidade, contada por meio das religiões. O mito judaico-cristão é repassado de geração em geração, sendo um dos responsáveis por santificar as relações de poder e dividir os papéis sexuais, transformando as relações afetivas entre homem e mulher em disputa pelo poder.

A moral cristã, além de ser uma das responsáveis por delimitar e reprimir a sexualidade feminina, ainda propagou uma divisão dos papéis sexuais, colocando o homem como superior à mulher.

[...] durante séculos, as sociedades foram regidas por fortes interferências religiosas, uma delas foi a educação doméstica (feminina) que funcionava com limitações, interferências e regras dos dogmas das Igrejas Cristãs. Neste caso, a Igreja Católica possuía uma aliança com a Família e a Medicina, por essa razão, ela tinha forte domínio no papel social da mulher que se prolongou por séculos até os dias de hoje (FONSECA, 2011, p. 216).

Por meio de normas rígidas e laços com o Estado, as igrejas cristãs foram construindo o ideal de comportamento feminino, tanto o comportamento privado quanto o que deve ser seguido em sociedade, determinando formas de agir, pensar e até mesmo se relacionar.

Moldada no âmbito da moral sexual, a partir dos preceitos da Igreja Católica, a mulher foi e ainda é, de certa forma, privada dos seus sentimentos, ações e atitudes. Aliás, a referida aliança institucional, criou vários estereótipos à mulher, dentre os quais se destacam o de pecadora, incapaz, histérica, entre outros. Há algumas décadas, o discurso do prazer da mulher estava relacionado com a satisfação espiritual, doméstica e materna. Prontamente, o discurso do prazer carnal era suprimido para mulheres consideradas de 'respeito' (FONSECA, 2011, p. 217).

Portanto, como pontua a autora, nota-se que os discursos sobre a sexualidade feminina estão entrelaçados com diversas relações de poder que buscam definir os modos ideias de agir. Sendo assim, percebe-se que as concepções cristãs muito influenciaram e influenciam os comportamentos femininos, impactando em todas as esferas da vida das mulheres, desde o nascimento até a fase adulta.

Sirelli e Sousa (2017) afirmam que fica evidente que a submissão da mulher ao homem pregada no meio religioso tem uma finalidade. Primeiro, ela reflete a própria sociedade patriarcal, comandada por homens e para homens. As mulheres, na visão religiosa, são seres considerados inferiores e, portanto, precisam aprender o seu lugar. E a religião vai se propor a ratificar que lugar é este que a mulher deve ocupar dentro desta sociedade: casta, pura; depois submissa ao homem – ao pai, depois o marido, aos filhos, cuidadora do lar e da família, etc.

Apesar de as pesquisas científicas, além do senso comum, claramente mostrarem que as mulheres são seres sexuais com seus próprios desejos e necessidades, a Bíblia e a maior parte das tradições cristãs em geral valorizam o prazer sexual e o poder do homem e ignoram a sexualidade e o prazer das mulheres (FARRIS, 2007).

Esse mesmo autor explica que as igrejas protestantes e católicas tiveram dificuldades com o crescente debate sobre questões de gênero na atualidade, porque as mudanças nas independências financeira, social e sexual das mulheres foram frequentemente interpretadas por elas como ameaça à estabilidade da família.

Na atualidade, apesar dos discursos sobre sexo e sexualidade serem tratados de forma mais aberta, seja no ambiente escolar, familiar, na mídia ou demais contextos sociais, continua sendo um tema cercado de repressão, discriminação, tabu, preconceito e dúvidas (BOCCARA DE PAULA, 2005).

Como foi apresentado no decorrer do trabalho, a religião é um sistema estruturante e, sendo assim, dita regras e papéis sociais. Por isso, esse sistema tem sido estudado e questionado pelo feminismo contemporâneo. O objetivo desses estudos ao longo do tempo é refletir sobre essas relações entre religião e conflitos de gênero.

Portanto, para Scavone (2008) essas relações foram analisadas pelo feminismo contemporâneo, do final dos anos 1960 em diante, nas grandes religiões ocidentais cristãs, sobretudo, o catolicismo. Tratava-se de compreender sociologicamente a conexão das mulheres com o fenômeno religioso e de construir uma crítica às injunções da Igreja à vida das mulheres, crítica essa que girava em torno da indagação do motivo pelos quais as mulheres buscavam a religião já que ela as recolhe num lugar de subordinação na sociedade.



Dessa forma, através dos conceitos abordados, foi possível compreender sobre a contextualização histórica acerca da sexualidade, observando que o papel da mulher na sociedade está intrinsecamente ligado à pré-concepções patriarcais que perduram até hoje.

Como foi discutido, existe um paralelo entre a religião, a prática religiosa (religiosidade) e o patriarcado. Ao longo da pesquisa foi possível identificar essa relação, que aconteceu ao longo da história da sociedade, e sobretudo da religião cristã presente no ocidente, que desempenhou vasta influência na forma como as pessoas se relacionam, na conceituação de gênero e suas relações, determinando estereótipos sobre os padrões do corpo e marcando a dominação sobre o feminino (LEMOS, 2013).

Com relação aos impactos da religiosidade cristã na sexualidade da mulher, é notável que, em sua maioria, possuem conotação negativa, uma vez que, mesmo com todas as mudanças ocorridas ao longo do tempo, a mulher ainda é vista como figura submissa nas relações, bem como tem sua sexualidade reprimida pois não a explora ou a expressa livremente e os prejuízos causados por isso em sua qualidade de vida podem ser nocivos.

Isso pode ser apontado, porque existe uma alta prevalência de disfunção sexual entre as mulheres, as quais podem se desenvolver a partir de fatores biológicos, e podem ser intensificadas, na maioria das vezes, por sequelas emocionais. Nesse caso da ocorrência psíquica, as doenças crônicas relacionadas ao coeficiente da idade podem acentuar drasticamente os sintomas desses distúrbios os tornando duradouros ou permanentes (ABDO E FLEURY, 2006).

O próprio DSM-5 apresenta que a resposta sexual é estruturada pelo aparato biológico, embora a vivência da mesma esteja relacionada à conjuntura interna e externa do indivíduo, a qual é atravessada pela cultura. Visto isto, o desempenho sexual é complexo, uma vez que está relacionado à fatores biopsicossociais, por essa razão é difícil compreender a origem de distúrbios sexuais, pois para que haja um diagnóstico eficiente é preciso excluir outros aspectos como a presença ou ausência de transtornos mentais, uso de substâncias, estado de saúde, relacionamentos altamente perturbados ou até mesmo violência do cônjuge, entre

outros causadores de estresse (AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2014).

Mulheres têm oscilações hormonais mensalmente, menstruam, ficam grávidas, amamentam, diferentemente dos homens, que têm níveis hormonais constantes em grande parte da vida, elas sofrem com a queda súbita dos hormônios na menopausa. Ainda assim, na contemporaneidade elas lutam por igualdade no mercado de trabalho, realização profissional e ainda é a maior responsável pelos cuidados do lar e dos filhos. Todavia, após séculos de submissão e silêncio, agora a mulher quer entender sua sexualidade e desfrutar de prazer. Então, é fundamental que os profissionais da área da saúde estejam capacitados a fim de investigar e tratar suas disfunções ou dificuldades (DIEHL; VIEIRA, 2017).

Os resultados das discussões e dos materiais analisados no decorrer do trabalho indicam que há poucos estudos sobre as disfunções sexuais femininas, e, sugerem que as mulheres cis precisam obter mais emancipação e liberdade na vivência de sua sexualidade, por esse motivo todas essas questões merecem ser discutidas pela Psicologia. Nesse sentido, há necessidade de atuação sobre o processo de socialização e construção de identidades, questionando tabus e discursos já instituídos, abrindo espaço para mudanças de pensamentos e de posturas diante da alteridade (MARTINS et al., 2016).

Os obstáculos mais significativos na experiência sexual da mulher fazem-se presentes nos âmbitos sociais e familiares, é conveniente que contextos sociais mais positivos sejam promovidos para que se possibilite o diálogo e a busca da equidade de gênero. A submissão das mulheres aos princípios e ditames patriarcais envolveram várias dinâmicas e processos, entre eles o controle de seus corpos e das sexualidades, ações essas construídas no decorrer da história e que, na atualidade, seguem apresentando reflexos estruturantes na organização social e no acesso das mulheres a direitos humanos, como os de liberdade e autonomia. Esses direitos, estão constantemente em risco. As mulheres na sociedade seguem buscando um espaço efetivo de equidade com as demais pessoas, respeitando as diferenças que lhes são peculiares (ANGELIN, 2017).

Quando se averiguam os materiais que fundamentaram este trabalho, é perceptível os avanços conquistados pelas mulheres, além disso, os próprios

estudos e discussões levantadas no decorrer desta pesquisa são referenciados praticamente cem por cento à autoras feministas. Ainda assim, é notável a urgência da questão feminista no campo religioso, e a necessidade de que essa temática esteja mais presente em trabalhos futuros, inclusive na área da Psicologia, uma vez que os discursos sobre o sofrimento psíquico acerca da sexualidade aparecem constantemente em nossa prática clínica e permeiam a questão da saúde física, emocional e psicológica de todas as mulheres,

Jesus e Oliveira (2021) afirmam que é imperativo que a Psicologia sendo profissão e fazer científico, esteja pronta para problematizar questões tidas como tabus sociais, pois sem esses debates a prática do psicólogo clínico é deficiente, dessa maneira fica inviável o acolhimento justo do sofrimento e dificuldades sexuais das mulheres que chegam à clínica . As autoras também destacam as contribuições da Psicologia Clínica com a demanda das disfunções sexuais femininas, ela salienta que é fundamental considerar a o olhar biopsicossocial sobre o sujeito, e trazer análises dessas consequências sociais que geram impacto na vida das mulheres em uma sociedade repressiva e limitante para a sua sexualidade, não descartando os aspectos biológicos, mas buscando a compreensão dos aspectos psicológicos.

Por último, é propício ratificar sobre uma prática terapêutica que contemple o aspecto multidisciplinar, de forma que o profissional da psicologia esteja integrado à uma equipe de profissionais que tenham o mesmo interesse em instituir um vínculo mais saudável e inclusivo com a temática da sexualidade (SILVEIRA MEIRELES, 2019 )

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final desta revisão narrativa sobre os impactos da religiosidade cristã na sexualidade da mulher cis, percebe-se que os conceitos teóricos mais discutidos estão voltados para os aspectos que envolvem o conhecimento a respeito da contextualização da configuração de sexualidade e gênero, conseqüentemente, a ideia de submissão da mulher, decorrente do patriarcado difundido pelas religiões, especialmente as cristãs.

Foi possível cumprir o que se abordava nos objetivos desta pesquisa a partir da discussão levantada, por via de estudos feitos sob levantamento de publicações em revistas digitais como Scielo e Lilacs, e também livros, que discorriam sobre essa dinâmica e contextualização histórica.

Foi possível identificar como a religião cristã contribuiu para a desigualdade de gênero, bem como problematizar a influência do cristianismo na repressão da sexualidade da mulher cis.

Vale ressaltar que a intenção deste trabalho não é expor a religião como vilã ou condená-la como negativa, mas sim apontar sobre o modo pelo qual os homens tomaram posse dela para difundir suas próprias inclinações, e dessa forma a sociedade foi prejudicada.

Esse tipo de debate ainda tem pouca abertura na sociedade, bem como na comunidade acadêmica, mas ainda é necessário que mais pesquisas sejam elaboradas, envolvendo a temática sobre sexualidade da mulher cisgênero, que é rodeada de tabus e crenças, mesmo depois de várias mudanças ao longo do tempo.

O estudo dos textos sobre a sexualidade, revela que ainda há pouca evolução nas instituições sociais, no sentido de reciclar crenças e costumes, pois o passado continua trazendo conseqüências para a autonomia da sexualidade feminina e uma expressividade satisfatória da mesma.

O desenvolvimento de pesquisas sobre a sexualidade da mulher cis é urgente, buscando compreender sua identidade, sua vida sexual, ação que não é possível sem que antes se assimile os aspectos culturais que premeiam essas concepções, das quais se originam disfunções e tabus sexuais, que impedem que a

mulher tenha uma vida plena e satisfatória, afastada dos distúrbios sexuais e crenças limitantes quanto a própria sexualidade. Por isso, mencionar o movimento feminista nesses estudos faz-se totalmente necessário, em virtude das conquistas e ideais alcançados, e, também daquilo que há por lutar, uma vez que a mulher ainda vive sob o resquício do patriarcado.

Espera-se que este estudo possa contribuir na prática dos profissionais de psicologia, no que tange à carência de espaços de escuta terapêutica das adversidades encaradas pela falta de cuidado e ênfase sobre os problemas na sexualidade feminina. É preciso refletir que mesmo que a temática da submissão e repressão sexual da mulher já venha sendo debatida há vários anos, percebe-se que as regras sociais ainda estabelecem impedimentos para uma experiência mais saudável e leve da sexualidade pelas mulheres.

Por isso, a expectativa é de que mais estudos sejam produzidos para que se oportunize uma maior extensão da realidade, pois a produção científica sobre a relação entre religião, religiosidade, patriarcado e saúde mental da mulher cis ainda se encontra limitada. Dessa maneira, haja maiores possibilidades de proporcionar espaços de escuta mais seguros e acolhedores para que as mulheres falem, discutam, questionem, exponham e reflitam sobre como vivem sua sexualidade.

## REFERÊNCIAS

ABDO, Carmita Helena Najjar e FLEURY, Heloisa Junqueira. **Aspectos diagnósticos e terapêuticos das disfunções sexuais femininas**. Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo) [online]. 2006, v. 33, n. 3 [Acessado 6 Dezembro 2021] , pp. 162-167. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-60832006000300006>>. Epub 22 Ago 2006. ISSN 1806-938X. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832006000300006>.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM 5: **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2014.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

ANGELIN, R.; COLET GIMENEZ, C. P. **O Conflito Entre Direitos Humanos, Cultura E Religião Sob A Perspectiva Do Estupro Contra Mulheres No Brasil**. Revista Direito em Debate, [S. l.], v. 26, n. 47, p. 242–266, 2017. DOI: 10.21527/2176-6622.2017.47.242-266. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/article/view/6922>. Acesso em: 29 nov. 2021.

ANJOS, Karen Priscila Lima dos ; LIMA, Maria Lúcia Chaves. **Gênero, sexualidade e subjetividade: Algumas questões incômodas para a psicologia**. Psicologia em Pesquisa | UFJF | 10(2) | 49-56 | Julho-Dezembro de 2016. v. 10 n. 2 (2016). Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23358>. Acesso em: 05/12/2021.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate**. Revista Psic. Clín., Rio de Janeiro, 2005, vol.17, n.2, p.41 – 52.

ARAÚJO, C. **Valores e desigualdade de gênero: mediações entre participação política e representação democrática**. Civitas - Revista de Ciências Sociais, v. 16, n. 2, p. e36-e61, 15 set. 2016.

BANDINI, Claudirene. **Mulheres pentecostais à sombra da violência religiosa? 2º Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões**. 2013. Disponível em: <https://www.trama.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/09/a-sombra-da-violencia-religiosa.pdf>. Acesso em 05/12/2021.

BASTOS, C. L; KELLER, V. **Aprendendo a aprender**. Petrópolis: Vozes, 1995.

BOCCARA DE PAULA, Maria Ângela. **Representações Sociais sobre a sexualidade de pessoas estomizadas**: conhecer para transformar. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. 138p.

BONFIM, Cláudia. **Superando preconceitos e tabus para a vivência qualitativa da sexualidade na terceira idade**. REVISTA PORTAL de Divulgação, n.11, Jun. 2011. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/158/158>.

CANABARRO, Janaína Raquel dos Santos; SALVAGNI, Julice. **Mulheres líderes: as desigualdades de gênero, carreira e família nas organizações de trabalho**. Revista de Gestão e Secretariado, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 88-110, ago. 2015. ISSN 2178-9010. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/347>>. Acesso em: 05 dez. 2021. doi:<https://doi.org/10.7769/gesec.v6i2.347>.

CARVALHO et al. **"A Religião como Forma de Controle Social"**. 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1398>.

CANO, M.A.T.; FERRIANI, M.das G.C. **Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico**. Rev.latioam.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril 2000.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rlae/a/JPdDpJvBwBXGfc9WXgBCWHw/?lang=pt&format=pdf>

DIAMANTINO, E.M.V. et al. **Aspectos básicos da sexualidade humana na parte clínica**. Parte I. Femina, v. 21, n. 10, p. 1016-29, 1993.

DIEHL, A.; VIEIRA, D. L. **Transgeneridade em adolescentes e adultos**. Livro **Sexualidade: do prazer ao sofrer**, p. 183-204, 2017.

ENGELS F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Trad. de Leandro Konder. 8° ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

ESTEVAM, Caliane Oliveira; LIMA, Marli Machado de. **Sexualidade feminina**. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, [S.l.], v. 33, n. 65, p. 117-130, jun. 2018. ISSN 2596-2809. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/97>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

FARRIS, J.R. **Fontes de autoridade na avaliação moral do comportamento sexual humano: implicações para a Religião e a Psicologia**. Estudos de Religião, Ano XXI, n. 32, 166-182, jan/jun 2007.

FERREIRA, Benedita Aguiar. **Gênero e teologia feminista: entraves culturais e discriminações à presença feminina nas igrejas cristãs**. II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Culturas, leituras e representações. João Pessoa, PB, 2009. Disponível em:

<https://vdocuments.net/reader/full/3-genero-e-teologia-benedita-aguiar-a-inclusao-do-estudo-de-genero-nas.html>. Acesso em 05/12/2021.

FONSECA, Maria Elizabeth Melo da. **Religião, mulher, sexo e sexualidade: que discurso é esse?**. Paralellus, Recife, Ano 2, n.4, jul./dez. 2011, p. 213-226.

GEBARA, Ivone. **Desafios que o movimento feminista e a teologia feminista lançam à sociedade e à Igreja**. Estudos Teológicos, São Leopoldo, n. 27, p. 153-161, 1987. Disponível em: [http://est.com.br/periodicos/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1210/1166](http://est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/1210/1166). Acesso em 05/12/2021.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. Magda Lopes. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

HEILBORN, Maria Luiza. **Entre as tramas da sexualidade brasileira**. Revista Estudos Feministas [online]. 2006, v. 14, n. 1 [Acessado 6 Dezembro 2021] , pp. 43-59. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100004>>. Epub 31 Ago 2006. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100004>.

JESUS, Clarice Primo de, 1993 OLIVEIRA, Priscila Morais Brito, 1989. **A Disfunção Sexual em Mulheres Sob o Olhar Das Psicologias Clínicas** / Clarice Primo de Jesus e Priscila Morais Brito Oliveira. Paripiranga, 2021. 61 f.:

KAAS, Hailey. **O que são pessoas cis e cissexismo?**. Ensaios de gênero, 2012.

LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.

LE MOS, Carolina Teles. **Religião e Patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero**. Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 201-217, out. 2013. ISSN 1983-778X. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/2795>>. Acesso em: 06 dez. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.18224/cam.v11i2.2795>.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições [online]. 2008, v. 19, n. 2 [Acessado 12 Novembro 2021] , pp. 17-23. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>>. Epub 17 Set 2010. ISSN 1980-6248. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>.

MARTINS, Alberto Mesaque; ABADE, Flávia Lemos; AFONSO, Maria Lúcia Miranda. **Gênero e formação em Psicologia: sentidos atribuídos por estudantes à saúde do homem**. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte , v. 22, n. 1, p. 164-184, maio 2016 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-1168201600010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-1168201600010)



0011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 nov. 2021.  
<http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N1P164>.

QUEIROZ, Maria Amélia Crisóstomo et al. **Representações sociais da sexualidade entre idosos**. Revista Brasileira de Enfermagem [online]. 2015, v. 68, n. 4 [Acessado 12 Novembro 2021] , pp. 662-667. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167.2015680413i>>. ISSN 1984-0446.  
<https://doi.org/10.1590/0034-7167.2015680413i>.

ROHDEN, F. **Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 8/9, p. 51–97, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1878>. Acesso em: 5 dez. 2021.

SCAVONE, L. **Religiões, Gênero e Feminismo. Revista de Estudos da Religião - REVERISS**. Pós-Graduação em Ciências da Religião - PUC-São Paulo. 2008. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/t\\_scafone.htm](https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_scafone.htm)

SILVA, Carla da. **Uma realidade em preto e branco: as mulheres vítimas de violência doméstica**. Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011, 142p.

SILVA, N.S.; GITAHY, L.M.C. **GÊNERO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO BRASIL**. 2006. Cadernos de gênero e tecnologia. Nº: 08 Ano: 02 outlnovldez/2006.

SILVA, R. R.; SIQUEIRA, D. **Espiritualidade, religião e trabalho no contexto organizacional**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14 n. 3, p. 557-564. 2009. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n3/v14n3a17.pdf>

SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da. **A mulher professora e a sexualidade: representações e práticas no espaço escolar**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009, p. 159.

SILVEIRA MEIRELES, G. **Aspectos Psicológicos Das Disfunções Sexuais**. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 47–54, 2019. DOI: 10.35919/rbsh.v30i2.90. Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/90](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/90). Acesso em: 6 dez. 2021.

SIRELLI, P. M.; SOUSA, M. O. **Religião e a propagação da ideia de submissão da mulher**. Revista Serviço Social em Perspectiva [www.periodicos.unimontes.br/sesoperspectiva](http://www.periodicos.unimontes.br/sesoperspectiva) Montes Claros, v.1, n.2, jun/dez-2017. eISSN: 2527-1849.

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão sistemática X revisão narrativa**. Acta Paulista de Enfermagem [online]. 2007, v. 20, n. 2 [Acessado 13 Novembro 2021] , pp. v-vi. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>>. Epub 17 Jul 2007. ISSN 1982-0194. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.

VIEIRA, Kay Francis Leal et al. **Representação Social das Relações Sexuais: um Estudo Transgeracional entre Mulheres. Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2016, v. 36, n. 2 [Acessado 12 Novembro 2021] , pp. 329-340. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703001752013>>. ISSN 1982-3703.  
<https://doi.org/10.1590/1982-3703001752013>.